

## DA CLÍNICA PARA A ESCOLA: A COMPREENSÃO DAS DIFERENÇAS ATRAVÉS DA PSICOPEDAGOGIA

Maria Lúcia Lemme Weiss \*

É comum nos meios educacionais brasileiros a intensa vivência de modismos, com ou sem base teórica, com ou sem pesquisas de campo que sustentem as novas modalidades de atuação. Algumas vezes, trocam-se nomenclaturas mas não se alteram os conteúdos internos que lhe dizem respeito. Criam-se mitos educacionais que são perseguidos, sem reflexão sobre a possível adequação a uma região, cidade, escola específica. E assim, de troca em troca, de moda em moda, vemos a Educação pública piorar, como regra geral.

Num país de dimensões continentais e diversidade cultural e econômica, o que é excelente numa grande cidade de nada servirá num pequeno povoado do sertão, numa comunidade ribeirinha da Amazônia, etc.

O comum é **o ser brasileiro**, o restante marca a diferença. Igualdade e diversidade não são conceitos absolutos, mas recheados de grande relatividade. Essa relatividade passa por inúmeros fatores: geográficos, históricos, culturais, econômicos, educacionais, etc. Há que se considerar a diversidade das escolas entre si, para posteriormente procurar o que existe de igual, de mais constante nessa Escola para num segundo momento de análise vermos as igualdades e diferenças entre os alunos.

É preciso não confundir a renovação inerente à modernização da Educação com a implantação desordenada, sem infra-estrutura de apoio, de idéias educacionais corretas, de metodologias boas, mas de difícil aplicação sem boa atualização das escolas, dos professores e administradores escolares.

Entre os inúmeros exemplos do caos gerado por atitudes precipitadas e inadequadas a determinado momento e lugar temos: o “construtivismo” resolverá o problema do analfabetismo, “avaliação permanente” é não se exigir mais do aluno, “promoção automática” é empurrar o aluno para a série seguinte e nada fazer para apoiá-lo ou recuperá-lo para bem acompanhar a nova série, e assim por diante.

Vivemos nas décadas de 40 e 50 do século passado, o mito das “classes homogêneas” em que as crianças eram testadas e distribuídas pelas diferentes turmas de acordo com o seu rendimento em prova aplicada

---

\* Pedagoga, Psicóloga Especializada em Psicopedagogia, Mestre em Psicologia, Professora adjunta do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

como um gabarito para padronizar os resultados dos produtos escolares dos alunos. Nessa mesma época, a Psicologia das diferenças individuais já estava suficientemente desenvolvida para que fosse possível questionar a homogeneidade fictícia das turmas escolares. Muitos anos depois, vi em uma Escola que se auto-intitulava “Piagetiana”, sem a autorização de Jean Piaget, a distribuição de turmas pelo nível, pré-operatório, operatório e formal, como se não houvesse a mobilidade permanente no nível horizontal, vertical e as já pesquisadas defasagens dentro de um mesmo nível. Não seria uma versão moderna, sofisticada das velhas “classes homogêneas”?

Na área clínica, ligada, de algum modo, às dificuldades escolares podemos lembrar as sucessivas “ondas” de crianças com disritmia, depois D.C.M. e no presente vivemos a época de T.D.A., e também de T.D.A.H. sem se parar para pensar que apenas uma minoria de crianças apresenta esse possível quadro orgânico. O neurologista paulista Dr. José Salomão Schwartzman em seu excelente livro Transtorno de Déficit de Atenção (2001) mostra a dificuldade de se discriminar o que é normal em determinada criança, em certa idade, em determinada situação, em momentos da vida moderna impregnada de um ritmo alucinante. Relembrando que jamais poderemos esquecer os fatores socioculturais e psicológicos que definem o ser humano e suas diferentes condutas.

A maioria avassaladora das questões escolares está ligada **aos vínculos inadequados com os objetos escolares, com as situações escolares e com a aprendizagem formal**. Vínculos esses construídos pela criança ou adolescente ao longo de sua história de vida familiar e escolar, pelas questões de educação no dia a dia da vida familiar, na interiorização dos limites psico-sociais, na construção da baixa resistência às frustrações do dia a dia.

Será que como profissionais da Educação estamos realmente preparados para lidar com as diferenças entre os alunos? Não existirão tentativas sutis de classificá-los? Como encarar a nossa dificuldade pessoal em lidar com as diferenças entre os nossos filhos, alunos, clientes, colegas de trabalho, amigos, pessoas em geral? A questão estará no domínio cognitivo, social ou afetivo? Como explicita Pichon-Rivière em seus diferentes textos de Psicologia Social Operativa: **todo novo é ameaçador**, a mudança interna necessária para compreendermos a diferença que existe no outro, no externo, além de ser ameaçadora pode paralisar as nossas ações. **Não é mais fácil lidar com filhos, alunos ou pacientes que sejam “iguais”?** Dizemos sempre que justiça é tratar igual a todos. Justiça não seria tratar de modo diferente a quem é realmente diferente? Dar a cada filho ou aluno de acordo com sua verdadeira necessidade? Não confundir Leis gerais da Sociedade com a relação pessoal, e dual em momentos de Educação familiar e escolar.

**O que é ser diferente? Diferente de quê? De quem? Em relação a quê? Para quê? Em que momento?**

Será que o aluno muito diferente incomoda pais e professores e por isso acaba sendo encaminhado para um diagnóstico com o psicopedagogo,

o psicólogo ou o médico? Será que o aluno que incomoda, agitado, desatento não pode ser mais desenvolvido intelectualmente que a média do grupo? A conduta de quem, intelectualmente, acima ou abaixo da média da turma pode em termos psico-sociais ser muito semelhante: desinteresse, distração, agitação. A causa poderia ser: “já entendi tudo isso, cansei de esperar”, ou “não entendi nada, não adianta me esforçar porque vou continuar não entendendo”. As causas são diferentes mas os produtos são iguais. Como despertar a motivação desses alunos para aprender? Como criar o desejo em cada um de aprender e produzir bem? Como desenvolver o prazer na aprendizagem escolar? Esse é um desafio para pais e educadores. Por onde passará esse desafio? Pela questão pedagógica e didática? Pela situação social mais ampla com apelos constantes e ritmos diferentes da Escola e da família?

**Qual a verdadeira função de um diagnóstico Psicopedagógico? Pesquisar igualdades ou diferenças? Será que a singularidade do aprender é difícil de ser captada pelos adultos?**

O importante no diagnóstico psicopedagógico é tentarmos captar a maneira, a forma de aprender e produzir do aluno. Há diferenças no nível de atenção para observar e assimilar um material que seja apresentado desenhado ou escrito, ou que venha por uma explicação oral, uma troca em grupo de colegas, o que o aluno precisa ouvir e ver ao mesmo tempo, o tempo que necessita para “processar” e responder oralmente e/ou por escrito ao que lhe é indagado. O aluno responde melhor quando é questionado por escrito?

Responde melhor quando é mais exigido, mais cobrado? A exigência cria no aluno muita ansiedade e por isso não consegue pensar e responder adequadamente? Responde melhor quando lhe é dado mais tempo para agir? Precisa sempre de uma situação lúdica e não responde quando a situação posta de forma mais séria? Muitas outras questões podem ser formuladas pelo professor que observa os alunos que se destacam em meio aos 30 ou 40 alunos de sua turma.

**Na clínica psicopedagógica**, no meu consultório particular ou na clínica comunitária, ao longo de mais de 30 anos de experiência, encontrei uma seqüência, um caminho mais ou menos constante perpassando muitas queixas escolares e familiares em relação à baixa produção escolar e/ou dificuldades escolares:

- a) Exigência familiar e/ou escolar em exercícios, provas, jogos livres, atividades esportivas, etc.
- b) Impossibilidade de responder à altura do que o próprio aluno espera em relação aquilo que acha que pode realmente produzir, responder, vencer (envolve a questão da auto-estima, do auto-conhecimento).
- c) Ansiedade causada pela frustração de não conseguir o que acha que pode, que sabe. Ansiedade agravada pela baixa resistência à frustração.

- d) Aumento gradativo da ansiedade. (envolve o fato dos pais e professores não perceberem o que está acontecendo no início desse processo).
- e) Ansiedade insuportável.
- f) Auto-defesa em relação a essa grande ansiedade gerando uma “fuga” da situação ameaçadora pela: diminuição do foco de atenção, dispersão, fantasias variadas, agitação acarretando a saída do próprio lugar ou da sala de aula, mexida com os colegas mais próximos, etc. (relembrar a conceituação de Pichon-Rivière em relação à “descarga” de ansiedade exagerada em diferentes áreas: na área da mente, na do corpo ou na da relação com o mundo externo).

Acreditamos que essa visão acrescida de muitos outros dados cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos obtidos no processo do diagnóstico psicopedagógico deva ser passada para a ESCOLA e para os pais, a fim de que haja uma compreensão da forma pela qual a criança ou adolescente “encara” e “processa” a aprendizagem e/ou a produção escolar. A compreensão da singularidade do filho e do aluno é que possibilitará aos pais e professores uma reflexão sobre como estão atingindo com ele, como é importante permanecer com certas condutas que dão certo e mudar totalmente outras que estarão agravando a situação.

Por exemplo, no início da formalização do processo de alfabetização seja ainda na Educação Infantil ou já no Ensino Fundamental (maternal, Jardim, Pré-CA, 1ª série) é preciso observar com muito cuidado as primeiras reações da criança. Algumas crianças não agüentam as primeiras frustrações causadas por erros, mesmo sendo erros construtivos para a compreensão do processo, pois, para a criança “erros serão sempre erros” no sentido negativo. Errar nos chamados “trabalhinhos” de papel é muito frustrante para a criança que compara o seu produto com o dos colegas. Algumas vezes rabiscam, amassam ou mesmo rasgam o papel dizendo: “Tá feio”, “Tá errado”. Procuram fugir dos “trabalhinhos” no dever de casa ou na escola levantando da cadeira, puxando conversa ou brincadeira, indo ao banheiro ou beber água, bocejando, deitando a cabeça na mesa e outras manifestações para fugir da tarefa que lhe é proposta. Essas crianças também não agüentam perder em qualquer jogo. Provavelmente, interiorizam uma auto-exigência muito grande e baixa resistência à frustração e assim, não agüentam ver-se errando ou perdendo no jogo. É indispensável ajudá-las desde o início desse processo, dando-lhes mais estímulo, autorizando-as a errar, a perder, não só na escola, como também na família.

O **atendimento psicopedagógico** possibilitará a intervenção e o apoio permanente para possíveis mudanças de conduta do aluno-paciente, dentro do respeito às suas características pessoais. Com a criança ou adolescente fazemos uma intervenção direta, e com a família e a escola realizamos uma troca permanente.

A questão básica que se impõe é de como levar à mudança de atitude o filho-aluno-paciente sem cair num mecanismo de “achatamento”, de simples acomodação social, ou de um band-aid pedagógico?

Na atualidade, é tema constante de discussão **a inclusão** nas classes comuns das escolas dos alunos portadores de necessidades especiais. A meu ver o problema não está em incluir ou não incluir, mas como incluir de modo que o produto seja benéfico para todos: incluídos e incluídores.

Como seria uma proposta de inclusão **“psicopedagogicamente correta”**? Supomos que deva incluir todos os elementos envolvidos no processo ensino-aprendizagem e “ensinagem” no dizer de José Bleger. Ou melhor dizendo: preparo técnico, pedagógico e apoio constante ao professor que receberá o novo aluno, assim como preparo dos alunos da “turma acolhedora” e acima de tudo, o preparo do aluno de necessidades especiais para ingressar nesse grupo que já estava formado antes de sua chegada, e que possui um ritmo de trabalho a que não está acostumado. Se todos os pontos não forem trabalhados constantemente pela escola e pelos responsáveis educacionais, teremos uma inclusão, um lidar com diferenças apenas fictício, servindo somente para mais um dado nas estatísticas educacionais.

Nesses casos da chamado inclusão, o diagnóstico psicopedagógico é fundamental para conhecer as variáveis do processo de aprendizagem do novo aluno, e assim auxiliar o professor a lidar com as novas igualdades e diferenças que passarão a existir em sua turma.

Acreditamos que o respeito constante e a busca da singularidade de nossos filhos, alunos e pacientes dentro da diversidade do universo familiar, escolar e social deva vir através de uma visão psicopedagógica. Essa visão norteará a equipe de atuação interdisciplinar quando for necessária qualquer tipo de intervenção seja escolar ou clínica.

**A interseção dos três sistemas básicos: o familiar, o escolar e o clínico** – quando conduzida na direção positiva, criará a possibilidade de mudanças significativas que permitirão o crescimento constante dentro das características individuais; de **mudanças dentro da singularidade de cada um, respeitando o que é do próprio sujeito, o que pertence à família, o que pertence à escola, e o que pertence à sociedade nesse momento histórico.**

---

**Endereço para correspondência:**

R: Siqueira Campos, 43 sala 406 - Copacabana  
CEP: 22031-070 Rio de Janeiro-RJ